

*Para as manas & as babes & as babys & as sistahs  
& as mulheres & as divas & as deusas & as damas  
& os malandros & os manos & os damos & os cavalheiros  
& os homens & os brothas & a irmandade LGBTQI+  
da família humana*

# ÍNDICE

## **11**

### **Capítulo Um**

Amma, 11

Yazz, 51

Dominique, 85

—

## **125**

### **Capítulo Dois**

Carole, 125

Bummi, 163

LaTisha, 203

—

## **231**

### **Capítulo Três**

Shirley, 231

Winsome, 265

Penelope, 291

—

## **321**

### **Capítulo Quatro**

Megan/Morgan, 321

Hattie, 355

Grace, 387

—

**421**

**Capítulo Cinco**

O beberete

—

**457**

**Epílogo**

—

**471**

**Agradecimientos**

—



## CAPÍTULO UM AMMA

1

A mma  
vai pela margem do curso de água que divide a sua cidade precisamente ao meio, é cedo e as primeiras embarcações deslizam suavemente pelas águas

à sua esquerda avista-se a ponte pedonal de inspiração náutica, o tabuleiro parece um convés e os pilares lembram mastros de navio

do lado direito, a curva do rio que segue para leste e passa a Ponte de Waterloo rumo à Catedral de São Paulo

sente o sol que vai despontando e o ar ainda fresco antes de a cidade ficar sufocada em calor e poluição

mais lá à frente, uma violinista toca uma melodia edificante, o que até vem a propósito

nessa noite, no National Theatre, estreia *A Última Amazona do Daomé*, que ela mesma escreveu e encenou

recorda os seus primeiros tempos no teatro

ela e Dominique, a sua cúmplice, ganharam fama por se manifestarem em espetáculos que as ofendiam politicamente

sendo atrizes formadas, sabiam projetar a voz, e então gritavam os seus lemas lá do fundo das plateias e depois fugiam

acreditavam no protesto público, em perturbar, em chatear o inimigo

lembra-se de despejar uma cerveja na cabeça de um encenador em cujo espetáculo a dada altura surgiam mulheres negras seminuas a correr pelo palco feitas idiotas

depois fugiu pelo emaranhado de ruas de Hammersmith  
a gritar em triunfo

passou décadas no circuito alternativo, era uma pária a lançar granadas à ordem estabelecida que a excluía

até que o *mainstream* começou a absorver o que outrora fora radical e ela deu por si esperançada de ser também admitida

o que apenas aconteceu quando o National Theatre teve a sua primeira diretora artística, há três anos

depois de tanto tempo a ouvir educados não dos antecessores no cargo, ligaram-lhe numa segunda de manhã, logo a seguir ao pequeno-almoço, quando no seu horizonte havia apenas um vazio que se estenderia por anos e anos, preenchido tão-só com séries online

adoro a peça, temos de levar isto à cena, e que tal encenar também? eu sei que é tudo muito em cima da hora, mas não arranja tempo para tomarmos as duas um café esta semana?

bebe um golinho do seu abatanado, a que ela pede sempre para juntar um café expresso extra, já avista o National Theatre, um enorme centro de artes todo cinzento ao melhor estilo brutalista

parece um bunker, mas agora ao menos tentam dar-lhe alguma graça com os letreiros iluminados e os néones, e também já tem uma reputação mais progressista, de quem arrisca coisas novas

há uns anos, temia ser expulsa se lá pusesse os pés, era uma altura em que as pessoas se vestiam a preceito para ir ao teatro

e olhavam de cima quem lhes parecesse não estar vestido em condições

já aos que vierem às suas peças ela pede tão-só curiosidade, não quer saber do que eles vestem, aliás ela própria tem o seu estilo 'tou-me a cagar para o que vocês acham, claro que entretanto evoluiu, já não é um cliché ambulante (jardineiras de ganga, boina à Che Guevara, lenço da Organização para a Libertação da Palestina e o crachá com os dois símbolos femininos ligados, só lhe faltava trazer escrito na testa que ia para a cama com mulheres)

hoje em dia usa ténis prateados ou dourados no inverno e, no verão, as infalíveis *Birkenstock*

no inverno, calças pretas, mais largas ou mais apertadas conforme nessa semana vista o 40 ou o 42 (em cima usa o número abaixo)

no verão, calções de harém de padrões alegres

no inverno, camisas assimétricas de cores vivas, pulôveres, casacos, sobretudoos

quanto às rastas oxigenadas, soube treiná-las: passam todo o ano espetadas, parecem velas num bolo de aniversário

argolas douradas nas orelhas, pulseiras africanas e batom cor-de-rosa eis o seu estilo pessoal, nunca muda, é a sua assinatura, é uma declaração de princípios

não há muito, Yazz disse-lhe

mãe, assim vestida pareces uma velha maluca, aliás passa a vida a implorar-lhe que se vista na Marks & Spencer como as mães normais, e se vão juntas a algum sítio recusa-se a ir lado a lado com ela na rua

claro que Yazz sabe perfeitamente que ela jamais será normal, além disso está nos cinquentas, ainda não é uma velha, mas vá lá alguém dizer isto a uma miúda de dezanove anos, e aliás envelhecer não é vergonha nenhuma

até porque, nesse aspeto, a raça humana é de facto toda igual embora às vezes ela tenha a sensação de que é a única no seu grupo de amigas a querer celebrar cada aniversário

é um privilégio não morrer prematuramente, diz-lhes, numa noite em que ficam até altas horas sentadas à volta da mesa da cozinha da sua acolhedora casinha num antigo bairro operário de Brixton

comem com vontade o que cada uma trouxe: guisado de grão, frango picante à jamaicana, salada grega, caril de lentilhas, legumes assados, guisado de borrego à marroquina, arroz de açafão, salada de beterraba e couve frisada, arroz com quinoa e, para as mais picuinhas (umas chatas do pior), massa sem glúten

e bebem vinho, vodca (tem menos calorias) ou, sendo essas as ordens do médico, qualquer coisa mais amiga do fígado

julgou que elas aprovariam a sua recusa em queixar-se da meia-idade, como faz toda a gente, mas não, há sorrisos perplexos e perguntas: então e a artrite, e a perda de memória, e os calores da menopausa?

passa pela jovem violinista  
encoraja-a com um sorriso e a rapariga sorri-lhe de volta  
procura moedas no bolso e deixa-as cair no estojo do violino  
ainda sem coragem para deixar de fumar, apoia-se na guarda à beira da água e, roída pela culpa, acende um cigarro

a publicidade ensinou à sua geração que os cigarros os faziam parecer adultos, glamorosos, fortes, inteligentes, sedutores e sobretudo com pinta

só não lhes disse que, adicionalmente, os mandariam para a cova a olhar o rio, sente o fumo aquecer-lhe o esófago e acalmá-la e contrariar a adrenalina provocada pelo café

quarenta anos de noites de estreia e ainda se enche de nervos  
e se os críticos a arrasam? e se é corrida a bolas pretas e eles perguntam: mas o que deu ao *nosso* National Theatre para acolher esta impostora?

claro que sabe que não é uma impostora, já escreveu quinze peças e encenou mais de quarenta, até já houve um crítico que escreveu: estamos sempre em boas mãos com Amma Bonsu, famosa por arriscar com bons resultados

e se o público nas antestreias aplaudiu de pé por cortesia?  
ora, cala-te com essa conversa, Amma, és uma veterana, ou já te esqueceste?

\*

calma

o elenco é fantástico: seis atrizes mais do que rodadas (veteranas que já fizeram tudo e mais alguma coisa), seis com a carreira a meio (e que até aqui conseguiram sobreviver) e três ainda novinhas (ingénuas e cheias de sonhos), uma das quais, a talentosa Simone, chegou sempre aos ensaios com olhos de sono e tinha-se sempre esquecido de desligar o ferro ou o fogão ou de fechar a janela do quarto e então fica em pânico e gasta precioso tempo de ensaio a ligar para algum daqueles com quem divide o apartamento

há um par de meses teria vendido a avó a um navio negreiro em troca daquele papel e agora é uma divazeca mimada, há quinze dias tiveram um ensaio só as duas e ela mandou *a sua encenadora* ir à rua comprar-lhe um *latte*

estou exausta, estou péssima, queixou-se, quem a ouvisse diria que a culpada era a encenadora por fazê-la trabalhar de mais

claro que a pôs logo no lugar

Simone Stevenson, o projeto de diva – convencida de que, só porque conseguiu trabalho no National Theatre mal acabou o curso, está a um passo de conquistar Hollywood

mas em breve

aterrará

é em alturas assim que tem saudades de Dominique, que há anos se exilou na América

deviam estar a celebrar juntas a sua tomada do *mainstream*

conheceram-se nos anos 80 num casting para um filme passado numa prisão de mulheres (claro, que mais podia ser?)

estavam as duas desiludidas porque só as propunham para fazer de escravas, criadas, prostitutas, amas ou criminosas

e nem esses papéis conseguiam

acabaram num café asqueroso no Soho, a maldizer a sua sorte enquanto devoravam sandes de ovo com bacon (com o pão encharcado em gordura), que empurravam com chá preto, e lá fora as prostitutas de cá para lá a mostrar a mercadoria



isto antes de o Soho se tornar numa colónia gay para gente bonita olha bem para mim!, exclamou Dominique, e ela assim fez, e de facto Dominique nada tinha de criada, ou mãe ou criminoso

transbordava estilo e era linda dos pés à cabeça, mais alta e mais magra do que a maioria das mulheres, com umas maçãs do rosto que pareciam esculpidas a cinzel e uns sedutores olhos de grossas pestanas pretas que lhe faziam literalmente sombra na cara

vestia-se de cabedal e usava o cabelo muito curto, fora a franja preta penteada para o lado, e andava pela cidade numa velha bicicleta com cesto que deixava acorrentada à porta de onde fosse

será que eles não veem que eu sou uma deusa?!, gritou, com um gesto teatral, as pessoas olharam e ela passou os dedos pela franja e fez um ar sensual

já ela, Amma, era mais baixa e as suas coxas eram as de uma típica mulher africana

és perfeita para escrava, disse-lhe um encenador de uma vez em que foi a uma audição para uma peça sobre a abolição da escravatura ela deu meia-volta e foi-se embora

já Dominique apresentou-se numa audição para um drama vitoriano e o diretor de casting disse-lhe que ela só estava a fazê-lo perder tempo, que na altura ainda nem havia pretos na Grã-Bretanha

ela replicou-lhe que havia e que ele era um ignorante, e depois, tal como Amma, deu meia-volta e saiu dali

a diferença foi que bateu com a porta

percebeu que em Dominique encontrara uma alma gémea e que juntas iam partir tudo

além disso ninguém iria contratá-las quando a sua reputação se espalhasse

dali foram a um *pub* e continuaram à conversa por entre muitos copos de vinho

Dominique era de St Pauls, um subúrbio de Bristol, a mãe (Cecilia) era afro-guianense e tivera antepassados escravos, enquanto

o pai (Wintley) era indo-guianense e a família trabalhara em regime de servidão contratada em Calcutá

era o mais velho de dez irmãos, todos mais com ar de negros do que de asiáticos, e eles viam-se como negros, sobretudo porque o pai sempre se identificara com os afro-caribenhos com quem crescera e jamais com os indianos puros vindos da Índia

Dominique soube quais as suas preferências sexuais logo na puberdade, mas foi prudente e guardou-as para si, não imaginava como reagiriam os amigos e a família, e não queria ver-se marginalizada

chegou a ir para a cama com rapazes umas quantas vezes  
eles gostaram  
ela aguentou

aos dezasseis quis ser atriz e rumou a Londres, onde todos se orgulhavam da sua diferença e a proclamavam aos quatro ventos

dormiu debaixo dos arcos ao longo do Tamisa e em vãos de portas de lojas na Strand, até que foi a uma associação de ajuda aos sem-abrigo negros e mentiu, desatou a chorar e disse que tinha fugido de casa porque o pai lhe batia

o jamaicano que a atendeu não se mostrou impressionado, levaste umas sovas, só isso?

e então ela subiu a parada e disse que o pai também abusara dela, aí já era mais grave e puseram-na num albergue; ao longo dos dezoito meses seguintes, ligou todas as semanas para a associação, sempre numa choradeira, até que lhe arranjam um apartamento de um quarto em Bloomsbury, num prédiozinho dos anos 50

tinha de ter uma casa e fiz o que foi preciso, justificou-se ela, admito que não estive muito bem, mas o meu pai nunca há de saber, portanto ninguém sofreu

e deu-se um objetivo: ia aprender tudo quanto pudesse sobre a herança negra, a sua história, a cultura, a política, o feminismo, tudo isso; descobriu as livrarias alternativas de Londres

passou horas na Sisterwrite, a livraria independente radical feminista de Islington, que vendia exclusivamente livros escritos por mulheres; não tendo dinheiro para livros, ia para lá todas as semanas e ficava a ler em pé e foi assim que leu *Home Girls*, a famosa antologia de feministas negras e ativistas lésbicas, bem como tudo o que encontrou de Audre Lorde

e ninguém da livraria pareceu importar-se

depois entrei para uma escola de teatro normativa até mais não e nessa altura já tinha uma visão politizada das coisas e punha tudo em causa

era a única preta que lá havia, contou

perguntava porque não podiam os papéis masculinos das peças de Shakespeare ser feitos por mulheres, e que nem a fizessem levantar a questão da discriminação racial naquelas peças, gritou ela ao professor de interpretação, e os colegas mudos e calados, incluindo as raparigas e aí percebi que estava por minha conta

no dia seguinte o diretor da escola chamou-me de lado

estás aqui para ser atriz e não deputada

se continuas a arranjar problemas és convidada a sair  
ficas avisada, Dominique

claro, a conversa é sempre igual, disse ela, boca calada ou rua olha, no meu caso, herdei o espírito combativo do meu pai, chamava-se Kwabena, ele, era jornalista e defendeu a independência do Gana

ao saber que ia ser preso por perturbação da ordem pública, deu à sola e veio para aqui e acabou a trabalhar nos caminhos de ferro, foi aí que conheceu a minha mãe, na estação de London Bridge

ele era revisor e ela trabalhava nos escritórios

o meu pai fez de propósito para ser ele a pedir-lhe o bilhete e ela depois fez de propósito para ser a última a sair do comboio, para assim poderem trocar umas palavras

\*

chama-se Helen, a minha mãe, nasceu na Escócia em 1935 e é mista  
o pai era um estudante nigeriano que se pôs a andar mal terminou  
o curso na Universidade de Aberdeen

nem disse adeus

passados anos, a mãe dela veio a descobrir que ele voltara para  
a mulher, que deixara na Nigéria com os filhos

e Helen que nem sabia que ele era casado e tinha filhos

a minha mãe não era a única mestiça de Aberdeen nos anos 30  
e 40, mas ainda assim havia poucos e sentiam a discriminação

nem chegou a acabar o liceu, foi logo tirar o curso de secretária  
e mudou-se para Londres, que começava a encher-se de homens afri-  
canos, que vinham para estudar ou para trabalhar

a minha mãe começou a ir aos bailes e aos clubes no Soho que eles  
frequentavam, e eles gostavam dela porque tinha a pele mais clara e o  
cabelo menos crespo

ela disse-me que sempre se tinha achado feia e que isso só parou  
quando os africanos lhe disseram que não, que era bonita

só queria que a visses nessa altura

era uma mistura de Lena Horne com Dorothy Dandridge

horrorosa, portanto, como calculas

a minha mãe julgou que no primeiro encontro com o meu pai iam  
ao cinema e depois ao Club Afrique, o sítio favorito dela, era aqui mes-  
mo no Soho, já se tinha fartado de mandar indiretas e adorava dançar  
*jazz* da África Ocidental e *highlife-jazz*

mas não, ele levou-a a uma reunião de comunistas na sala dos  
fundos de um *pub* na Elephant and Castle

um bando de gajos a emborcar cerveja e a discutir a independência  
e ela ali sentada, a tentar fazer-se interessada, impressionada com  
a inteligência dele

se me perguntares, eu acho que do que ele gostou foi de ela ter  
ficado ali caladinha e obediente

\*

casaram e mudaram-se para Peckham

fui a última a nascer e a primeira menina, explicou ela, soprando uma baforada para a atmosfera já irrespirável do *pub*

dos meus três irmãos, dois são advogados e um é médico, cumpriram com as expectativas do nosso pai, daí eu não ter sido pressionada nesse aspeto

de mim, ele só quer que me case e tenha filhos

acha que isto de ser atriz é só um passatempo até isso acontecer

o meu pai é comunista e continua à espera da revolução que mudará a vida da humanidade

falo a sério

farto-me de dizer à minha mãe que se casou com um machista

e ela responde não podes ver as coisas assim, Amma, o teu pai nasceu no Gana nos anos 20 e é homem, tu nasceste em Londres nos anos 60 e és mulher

e isso quer dizer o quê?

não podes esperar que ele te perceba, como dizes sempre

e eu então digo-lhe que ela no fundo quer o patriarcado e que é cúmplice de um sistema que oprime as mulheres

ela responde que o ser humano é complexo

e eu digo-lhe que não seja condescendente comigo

a minha mãe trabalhava oito horas por dia e tinha o ordenado dela, e ainda criou quatro filhos e tinha a lida da casa, todas as noites servia o jantar ao patriarcado e de manhã passava-lhe as camisas

e ele ocupado a salvar o mundo

tarefas domésticas, só tinha uma: ir comprar carne para o almoço de domingo, tipo caçador paleolítico, mas nos subúrbios

agora que já saímos os quatro de casa, vejo muito bem que a minha mãe se sente frustrada, passa a vida em limpezas e a mudar a decoração

nunca se queixou e nunca discutiu com o meu pai, prova cabal de que vive oprimida

aliás ela até me contou que uma vez, ainda nos primeiros tempos, tentou dar-lhe a mão e ele enxotou-a, disse que demonstrações de afeto são uma invenção dos ingleses para se darem ares, depois disto ela nunca mais tentou

o meu pai diz isto, mas todos os anos compra-lhe o postal de Dia dos Namorados mais meloso que encontrar e adora música *country* sentimentalona, aos domingos senta-se na cozinha ao fim da tarde e fica a ouvir Jim Reeves e Charley Pride

de copo de whisky numa mão e a limpar as lágrimas com a outra

o meu pai só quer saber de reuniões do partido, manifestações e protestos em frente ao parlamento, e claro que também vai para o mercado de Lewisham vender o *Socialist Worker*

cresci a ouvi-lo denunciar os males do capitalismo e do colonialismo, ao jantar havia sempre sermão a louvar as virtudes do comunismo ali à mesa era o púlpito dele e nós os fiéis, quiséssemos ou não enfiava-nos literalmente as suas ideias políticas pela goela abaixo se tem regressado ao Gana depois da independência, aposto que teria sido alguém importante

assim, foi só o presidente vitalício da nossa família

não sabe que eu sou fufa, claro, a minha mãe pediu-me que não lhe dissesse, dizer-lhe a ela já foi um drama, mas ela depois disse-me que já desconfiava, porque quando houve a febre das saias travadas e das permanentes eu comecei antes a usar *Levi's* de homem

aliás ela continua convencida de que isto é uma fase, quando fizer quarenta hei de lhe mandar isso à cara

já o meu pai diz que não quer cá saber dos maricas e acha um piadão aos humoristas ao domingo à noite na televisão, farta-se de rir das piadas homofóbicas, e também ri quando gozam com as sogras e com os pretos

depois contou a Dominique como correu a sua primeira reunião de mulheres negras, em Brixton, estava ela no último ano do liceu, viu um folheto na biblioteca da sua zona

quando tocou à campainha, quem veio abrir foi uma mulher chamada Elaine, o afro dela era uma auréola perfeita, era magra e esguia e usava tudo justo, tanto a camisa de ganga como as calças também de ganga, mas mais clara

não conseguia tirar os olhos daquela mulher, seguiu-a até à sala e havia várias outras ali sentadas, nos sofás, nas cadeiras, em almofadas ou no chão, de pernas cruzadas, todas a beberem café ou sidra

estava nervosa, iam passando cigarros e ela fumava ali sentada no chão encostada a uma poltrona com o forro de *tweed* todo arranhado pelos gatos, o seu braço a roçar a perna de Elaine, a sentir-lhe o calor

estavam a debater o que significava ser uma mulher negra e ser uma mulher negra feminista e sentir que as feministas brancas não as queriam por perto

e o que sentiam quando lhes chamavam escarumbas ou eram agredidas por brutamontes racistas

ou quando um branco segurava a porta ou dava o seu lugar no metro a uma branca (sexismo), mas não a uma delas (racismo)

nada daquilo era novidade para ela e então começou a juntar-se às outras que iam dizendo tal qual, sei bem o que isso é, amiga e soube pela primeira vez o que era não se sentir isolada

no fim dessa primeira noite, as outras despediram-se e foram-se embora, e ela ofereceu-se para ficar e ajudar Elaine a lavar as chávenas e os cinzeiros

acabaram aos beijos num daqueles sofás tão desconfortáveis, iluminadas tão-só pela luz que vinha da rua e a ouvirem as sirenes dos carros-patrolha que iam passando velozmente na rua

aquilo era o mais perto que jamais estivera de fazer amor consigo mesma

o que também foi uma revelação

uma semana depois tornou a haver reunião

Elaine estava com outra, as duas ali enroscadas

nem olhou para ela  
e ela nunca mais lá voltou

ficaram as duas no *pub* até as porem na rua, já tinham perdido a conta aos copos de tinto

estava resolvido: iam fundar a sua companhia teatral, era a única maneira de trabalharem como atrizes, já que nem uma nem outra estavam dispostas a trair as suas convicções políticas só para terem trabalho

ou a ficar de boca calada para depois não as despedirem  
fundar a sua companhia era a única solução

foram buscar papel higiênico à casa de banho e puseram-se a escrever nomes possíveis

no fim, escolheram Bush Women Theatre Company, resumia na perfeição os seus propósitos

num panorama teatral em que o silêncio reinava, seriam uma nova voz

a voz das mulheres negras e asiáticas  
fariam um teatro sem cedências  
daí veio o lema da companhia  
Resistir Ou Morrer.

2

nsaiavam nas salas das suas casas, os adereços eram levados e trazidos em carros a cair de podres, o guarda-roupa era comprado em lojas de roupa usada, faziam os cenários com sucata, quando precisavam de ajuda recorriam às amigas e foram aprendendo de improviso e com a prática, o importante era que estavam juntas naquela aventura

quando apresentavam projetos a concurso, escolhiam o palavreado mais pomposo, tudo datilografado em máquinas de escrever com teclas em falta, mas ela não percebia nada de orçamentos, parecia-lhe física quântica, além de que tinha pavor de se ver presa à secretária



Dominique enfurecia-se porque ela chegava sempre atrasada a essas reuniões de trabalho e saía sempre antes do fim, se não eram as dores do período, era dor de cabeça

chegaram a discutir à séria, porque ela entrava numa papelaria para comprar material de escritório e saía logo, dizia que estava a ter um ataque de pânico

e ela própria fartava-se de desancar em Dominique, que ficava de escrever uma cena, mas depois chegava de mãos vazias porque resolvera ir dançar e chegara a casa de madrugada, ou então esquecia-se das falas a meio do espetáculo

a companhia existia há seis meses e elas não se entendiam tinham-se tornado logo melhores amigas, mas não conseguiam trabalhar juntas

marcou uma reunião em sua casa, era ou vai ou racha trouxeram comida do chinês, abriram uma garrafa de vinho e, ali sentadas, Dominique confessou que preferia planear as digressões da companhia a estar em palco, tal como não queria fingir que era outras pessoas, preferia ser ela mesma

já ela admitiu que adorava escrever, mas que detestava toda a parte burocrática e que nem sabia se valia alguma coisa como atriz, ninguém fazia uma cena de discussão como ela, mas talvez os seus talentos de representação não fossem além disso

assim sendo, Dominique assumiu a gestão da companhia e ela tornou-se a diretora artística

contratavam atrizes, encenadoras, cenógrafas e toda a equipa técnica, e as suas digressões pelo país estendiam-se por meses

as peças tinham nomes como *A Importância de Ser Mulher*, *Mutilação Genital Feminina: O Musical*, *Casamento (Des)Arranjado* e *Fonas Cormidáveis*, apresentavam-nas em centros comunitários, bibliotecas, salas alternativas e conferências ou festivais feministas

distribuíam folhetos a anunciar as suas produções à entrada ou à saída de outros espetáculos e colavam os cartazes durante a noite, porque não tinham autorização da câmara

começaram a sair críticas aos seus espetáculos nas publicações alternativas, e, inspiradas na circulação de literatura clandestina no Bloco de Leste, lançaram a *Bush Women*, que publicariam mensalmente mas as vendas eram miseráveis e, a serem honestas, tudo aquilo estava pessimamente mal escrito, por isso a *Bush Women* acabou ao fim de dois números, isto depois de um lançamento em grande, na Sisterwrite, num final de tarde de verão

juntou-se lá um grupo de mulheres, porque o vinho era bera, mas à borla, e acabaram todas cá fora a fumar e a engatarem-se umas às outras

como o dinheiro não chegava, arranjou trabalho numa hamburgueria de Piccadilly Circus

a carne sabia a cartão, a cebola era reidratada e o queijo parecia borracha

na sua pausa do almoço, ela própria comia aquilo, porque era à borla, mas fazia-lhe borbulhas

com aquela farda de nylon cor de laranja, para os clientes, era uma criada

e não o seu verdadeiro eu: uma artista maravilhosa, rebelde e sem igual

por outro lado, as tartes de maçã eram doces e crocantes, mesmo parecendo sintéticas, e ela surripiava-as para as levar aos prostitutas novinhos com quem travara amizade e que faziam o ponto ali na estação

sem imaginar que em anos vindouros iria ao funeral de cada um deles

porque aqueles rapazes fugidos de casa não sabiam que o sexo desprotegido era uma dança com a morte

ninguém sabia

vivia numa fábrica abandonada em Deptford, paredes de betão, o teto a cair e uma população de ratos e ratazanas que sobrevivia a todas as tentativas de extermínio

seguiram-se outras acomodações igualmente sórdidas, até que deu por si a ocupar clandestinamente a mais apetecível das moradas em Londres inteira: um antigo edifício de escritórios com laivos soviéticos nas traseiras de King's Cross

teve sorte, foi das primeiras a saber, pouco depois já não cabia lá mais ninguém

e não arredou pé quando vieram os agentes do governo e a escavadora para mandar a porta abaixo

quem lá estava defendeu-se e houve violência com fatura e prisão e sentença para os metaleiros que achavam que um agente de execução caído por terra deve levar pontapés

chamaram àquilo a Batalha de King's Cross

após o que edifício ficou conhecido como a República dos Livres

e acabaram por ter sorte, porque o proprietário do imóvel, um tal Jack Staniforth, que fora viver para Monte Carlo para fugir aos impostos ao herdar a fortuna que a família, que era de Sheffield, fizera no fabrico de talheres, soube do sucedido pela sociedade gestora que se ocupava dos seus imóveis e simpatizou com a causa

ele próprio pertencera às Brigadas Internacionais na Guerra Civil Espanhola

um mau investimento num prédio numa das piores zonas de Londres não passava de uma nota de rodapé naquela fortuna escreveu-lhes a dizer que podiam lá ficar sem pagar renda sob a condição de zelarem pelo imóvel

então eles mandaram instalar eletricidade, em vez de a desviarem idem para o gás, até ali tinham-se aguentado com os aquecedores de moedas

só faltava uma administração do condomínio, e então reuniram no átrio num sábado de manhã para resolverem a questão

os marxistas queriam fundar um Comité Central da República Proletária dos Livres, era preciso ter lata, achou ela, atendendo a que quase nenhum trabalhava, diziam ser a sua «tomada de posição contra a escravatura do capitalismo»

os hippies sugeriram que se declarassem uma comuna e partilhassem tudo, mas eram tão descontraídos e pacíficos que toda a gente se pôs a falar por cima deles

os ambientalistas queriam banir aerossóis, sacos de plástico e desodorizantes, e os outros todos voltaram-se contra eles, incluindo os punks, que não cheiravam propriamente a rosas

os vegetarianos queriam banir a carne, os veganos queriam somar a isso o leite e derivados, os macrobióticos sugeriram um pequeno-almoço comunitário de repolho cozido

os rastas queriam a legalização da canábis e uma área reservada nas traseiras para as suas reuniões rastafári

os hare krishnas queriam que os demais moradores se lhes juntassem nessa mesma tarde numa marcha por Oxford Street ao som de bongós

os punks queriam poder tocar a sua música e berrar à vontade, e, em consonância, os demais berraram-lhes que se calassem de uma vez

os gays queriam legislação anti-homofóbica na carta constitucional do edifício, ao que os demais responderam carta constitucional?

as feministas radicais queriam áreas exclusivas para as mulheres, que constituiriam uma zona autónoma autorregulada

as feministas radicais lésbicas queriam áreas separadas das feministas radicais não lésbicas, as quais constituiriam uma segunda zona autónoma autorregulada

as feministas radicais lésbicas negras queriam o mesmo, com a ressalva adicional de não entrarem lá brancos fossem de que género fossem

e os anarquistas abandonaram a reunião, porque ao aceitarem qualquer forma de governo estariam a trair os seus ideais

optou por não se juntar a grupo algum e foi sentar-se com os que não tentavam impor a sua vontade a ninguém

no fim, ficou decidido que haveria um comité rotativo à boa moda clássica e definiu-se um conjunto de regras que, entre outras coisas, proibia o tráfico de drogas, o assédio sexual ou o voto nos conservadores

o pátio nas traseiras tornou-se um espaço de uso comum e foi decorado com esculturas feitas de sucata  
gentilmente cedidas pelos artistas

conseguiu apropriar-se de uma sala de secretariado tão grande que teria podido fazer lá jogging

tinha até casa de banho própria, que ela mantinha impecavelmente limpa e a cheirar a flores

pintou as paredes e o teto de um agressivo vermelho-sangue, arrancou a desengraçada alcatifa cinzenta, deixando à vista o chão de madeira, arranjou uns quantos tapetes de ráfia, um fogão e um frigorífico em segunda mão, pufes, um colchão e um estrado e uma banheira que trouxe da sucata

tinha agora um quarto tão grande que podia dar ali festas e dormida a quem lhe apetecesse

as festas eram ao ritmo do *disco*, punha Donna Summer, Sister Sledge, Minnie Riperton e Chaka Khan

para seduzir ao final da noite, punha a Roberta, a Sarah, a Edith, a Etta ou a Mathilde Santing

ficavam atrás de um biombo chinês do século XVIII em lacre preto que resgatara de um contentor de entulho à porta da antiga embaixada chinesa

levou para a cama várias mulheres ali da República dos Livres só queria aventuras de uma noite, mas a maioria queria mais do que isso

a coisa chegou a um ponto em que temia cruzar-se com antigas conquistas pelos corredores, entre elas a Maryse, uma tradutora originária das ilhas de Guadalupe

que à noite vinha bater-lhe à porta a suplicar que a deixasse entrar e de manhã insultava aquela que tivesse tido o que ela queria

depois começou a ficar à janela do seu quarto, fazia-lhe esperas, e ao vê-la chegar ao prédio desatava a insultá-la, até ao dia em que lhe despejou um balde de cascas de legumes pela cabeça

furiosos, os ambientalistas e o comité regulador avisaram-na por escrito para parar de «cagar onde comia»

e ela respondeu-lhes também por escrito, a comentar como achava interessante a rapidez com que todo aquele que se via com um nadinha de poder nas mãos logo se tornava um *fascista totalitário*

mas aprendera a lição e o caso é que não lhe faltavam alternativas; agora, enquanto fundadoras do Bush Women Theatre, ela e Dominique tinham fãs

desde fufas ainda a sair da adolescência até mulheres com idade para ser mães delas

pela sua parte, não era esquisita, aliás gabava-se junto das amigas dos seus apetites genuinamente igualitários e que não se deixavam cingir por barreiras culturais, de classe ou credo, ráticas, religiosas ou geracionais

daí resultando que tinha muito mais escolha do que a maioria (não mencionava a sua preferência por mamas grandes, porque isolar e objetificar partes avulsas do corpo era tido por antifeminista)

já Dominique era mais seletiva e monógama, era uma monógama em série, com queda para atrizes regra geral louras cuja beleza macroscópica fazia esquecer um talento microscópico

também lhe agradavam as modelos, cujo talento *era* a beleza

gostavam de ir a bares de mulheres

o Fallen Angel, o Rackets, o The Bell ou o bar do Drill Hall Theatre nas segundas à noite em que lá se juntavam as *lesbianati*, e ainda havia a Taberna Clandestina da Pearl, em Brixton, às sextas à noite, a dona era a dita Pearl, uma jamaicana de meia-idade que tirava tudo da cave, levava para lá uma aparelhagem e depois punha-se à porta a cobrar entrada

para ela, comprometer-se com alguém era o mesmo que ir para a cadeia, não saíra de casa dos pais em busca de liberdade e aventura para acabar acorrentada aos desejos de outra

se ia para a cama com uma mulher mais de duas ou três vezes, re-gra geral elas passavam de sedutoramente independentes a progres-sivamente carentes

bastava *uma semana*

ela tornava-se a única razão da sua felicidade e então queriam minar-lhe a autonomia e impor a sua autoridade, e valia tudo

amuos, lágrimas e acusações de egoísmo e de ela não ter coração aprendeu a manter à distância as mulheres em geral, fazia logo a sua declaração de princípios, nunca dormir segunda (ou, vá lá, tercei-ra) vez com uma mulher

ainda que lhe apetecesse

o sexo era um prazer simples e inofensivo para o ser humano go-zar, e, até perto dos quarenta, ela não se fez rogada

quantas terão sido? 100? 150? por aí, ou terão sido mais?

um par de amigas sugeriu-lhe procurar ajuda, falar com uma psicóloga, a ver se assim assentava, e ela respondeu que era prati-camente virgem se comparada com os tipos das bandas de *rock*, que se gabavam de ter levado milhares para a cama e eram admirados por isso

e alguém lhes recomendava verem um psicanalista?

infelizmente, em tempos recentes, uma ou duas dessas antigas conquistas lembraram-se de a difamar nas redes sociais, onde todos temos um passado à espera para nos rebentar em cheio na cara

houve aquela mulher que postou que ela fora a sua primeira (há 35 anos) e estava tão bêbada que lhe vomitou em cima

nunca ultrapassei o trauma, lamuriava-se a idiota

ou aquela outra que a perseguiu pela Regent Street a insultá-la por jamais lhe ter ligado de volta (ela e a do post serão conquistas mais ou menos da mesma altura)

quem é que julgas que és, ó atrizeca pretensiosa? tu gostas é de aparecer, não és ninguém, é isso o que tu és, *ninguém*

vai mas é tomar os comprimidos, amorzinho, gritou-lhe ela, antes de se escapar para o labirinto subterrâneo da Topshop

\*

há muito que se desinteressou de andar a pular de cama em cama;  
com o tempo, começou a desejar a intimidade que só nasce de uma  
conexão emocional, ainda que as partes durmam com outras

foi feita para relações não monógamas, o poliamor, foi como a  
Yazz as classificou, certo? claro que, do seu ponto de vista, poliamor  
e não monogamia são iguais em tudo, só muda o nome

hoje em dia, há a Dolores, uma designer gráfica de Brighton, e a  
Jackie, uma terapeuta ocupacional de Highgate

entraram em cena há respetivamente sete e três anos e ambas são  
mulheres independentes e com vidas preenchidas (e filhos) que não  
se resumem ao relacionamento com ela

não são pegajosas, carentes, ciumentas ou possessivas, e até sim-  
patizam uma com a outra, imagine-se, o que permite o luxo ocasional  
(não há que ter vergonha)

de um ménagezinho *à trois*  
(a Yazz morria se soubesse)

agora na meia-idade, dá por si ocasionalmente a recordar com  
nostalgia a juventude, lembra-se por exemplo da única vez que ela e  
Dominique resolveram ir em peregrinação à Gateways

a mítica discoteca escondida numa cave de Chelsea, na altura já  
na reta final dos seus 50 anos de existência

estava quase vazia, só lá havia duas mulheres de meia-idade sen-  
tadas ao balcão, ambas de cabelo cortado à homem e de fato, pareciam  
saídas do *Poço de Solidão*

na pista à meia-luz, duas mulheres já velhinhas e muito baixi-  
nhas, uma de fato preto, a outra de vestido à anos 40, dançavam o *The*  
*Look of Love* da Dusty Springfield nos braços uma da outra

não havia sequer uma bola de espelhos a banhá-las na sua luz má-  
gica.



| arga o copo de café vazio numa lata do lixo, passa pela pista de skate  
 | revestida de *graffiti* e segue a direito para o teatro  
 | ainda é muito cedo para a juventude se juntar ali a desafiar a  
 | morte com os seus saltos e reviravoltas no ar sem capacete ou joelheiras  
 | a juventude, que nada teme  
 | e Yazz é outra, nunca usa capacete quando anda de bicicleta  
 | e retira-se furiosa de onde estiverem as duas de cada vez que  
 | a mãe lhe diz que usar capacete pode ditar a diferença entre  
 | a/ uma dor de cabeça  
 | b/ ter de reaprender a falar

entra pela porta dos artistas, cumprimenta Bob, o segurança, que  
 lhe deseja tudo de bom para esta noite, segue corredor fora, sobe as  
 escadas e chega ao cavernoso palco

contempla o auditório, vazio, inóspito, a replicar os anfiteatros  
 gregos cuja configuração em leque assegurava que todos viam sem  
 impedimentos a ação no palco

hoje à noite, sentar-se-ão ali mais de mil pessoas  
 é inacreditável que se vá juntar tanta gente para ver a sua peça  
 o espetáculo está praticamente esgotado até ao fim da carreira e  
 não saiu uma única crítica, é ou não a prova de que o público quer ver  
 coisas diferentes?

*A Última Amazona do Daomé*, peça escrita e encenada por Amma  
 Bonsu

lá, nos séculos XVIII e XIX, havia mulheres guerreiras ao serviço do rei  
 viviam no palácio e tinham direito a comida e a escravas  
 quando saíam à rua, na frente ia uma jovem escrava a tocar um sino,  
 a avisar os homens para que desviassem o olhar, senão seriam mortos  
 e acabaram por se tornar elas a guarda real, porque, sendo isso  
 feito por homens, havia sempre o risco de decapitarem o rei ou de  
 o castrarem com um alfange quando ele estivesse a dormir

o treino delas incluía treparem nuas por acácias, magoavam-se nos espinhos, fazia-as mais rijas

eram abandonadas na floresta durante nove dias e tinham de sobreviver

eram infalíveis com um mosquete e facilmente decapitavam e estripavam um guerreiro inimigo

combateram os vizinhos iorubás e os franceses que vieram para colonizar o território

o seu exército ascendeu às seis mil e cada uma delas era oficialmente esposa do rei

não podiam relacionar-se sexualmente com outros homens e algum filho varão que alguma tivesse era prontamente morto

ao saber deste detalhe, concluiu prontamente que tinham de andar enroladas umas com as outras, é o que acontece sempre que se segregam os sexos

acabava de nascer a ideia para a sua peça

a última amazona é Nawi, que surge no começo da ação como uma vulnerável noiva adolescente oferecida ao rei; incapaz de lhe dar um filho, é expulsa do leito real e obrigada a juntar-se ao exército feminino que o serve, e então, sobrevivendo ao treino, ascende graças à pujança física e à habilidade como estratega e torna-se uma lendária general amazona cuja ferocidade e intrepidez deixam estarecidos os observadores vindos de outros reinos

escolheu retratá-la como sendo leal para com as suas inúmeras amantes muito depois de já se ter cansado delas, certificando-se de que o rei lhes confia tarefas domésticas ligeiras em lugar de as expulsar do palácio deixando-as na indigência

no fim da peça, velha e só, Nawi fala com as suas amantes passadas, espectros que ora surgem, ora desaparecem, graças a hologramas

revive as batalhas que lhe trouxeram fama, incluindo as que o rei instigou, porque o tráfico de escravos fora proibido mas eram precisos escravos nas Américas, e então os navios de negreiros furavam os bloqueios ao porto para virem comprar-lhe os prisioneiros de guerra

Nawi orgulha-se dos seus feitos  
as batalhas são mostradas em projeções de vídeo, atreadores exércitos de amazonas à carga, de mosquetes e machetes em riste unidas num coro de gritos de guerra, formam um mar que avança para engolir o público  
é uma imagem espantosa e arrepiante

no fim  
Nawi morre  
e as luzes descem devagar  
até ao *blackout*

é pena Dominique não se ter metido num avião para vir ver a peça cuja primeira leitora foi ela, há dez anos  
e que só agora vai subir à cena porque todas as companhias às quais Amma a propôs a rejeitaram dizendo que não era para eles  
por outro lado, a ideia de ressuscitar o Bush Women Theatre só para fazer *A Última Amazona do Daomé* era-lhe insuportável  
quando se foi embora, Dominique deixou-a sozinha a comandar o navio  
o que ela ainda conseguiu fazer durante alguns anos, mas sentia-se abandonada e jamais encontrou substituta à altura de Dominique, que tinha sempre as soluções práticas para responder à sua criatividade  
por fim, extinguiu a companhia  
e tornou-se freelancer

Shirley,  
a sua amiga mais antiga, virá esta noite, desde a adolescência que não falha um espetáculo que ela faça, tem sido uma constante na sua vida desde que se conheceram no liceu, tinham onze anos, era a hora do almoço e ela estava sozinha no recreio, rodeada de meninas de uniforme verde, todas em animada algazarra, a saltar à corda ou a jogar à macaca ou à apanhada, e então Shirley, a única outra rapariga de pele escura em toda a escola, veio ter com ela

e ali ficou, parada, à sua frente  
 com aquele cabelo perfeitamente alisado e aquela pele luminosa  
 (vaselina, descobriu ela mais tarde), o nó da gravata do uniforme escolar  
 feito na perfeição, meias brancas puxadas até aos joelhos  
 serena e bem arranjada e encantadora  
 tão diferente dela, que tinha o cabelo numa desgraça, porque não  
 conseguia parar de mexer nas duas tranças que a mãe lhe fazia de  
 manhã  
 com uma meia pelo tornozelo, porque não parava de coçar a perna  
 com o pé  
 com o casaco de malha do uniforme escolar três tamanhos acima  
 do seu, porque a mãe queria que durasse três anos  
 olá, disse aquela menina, eu sou a Shirley, queres que seja tua amiga?  
 fez que sim, Shirley deu-lhe a mão e levou-a consigo para junto do  
 seu grupo, estavam a jogar ao elástico

nunca mais se separaram; Shirley estava atenta nas aulas e depois  
 ajudava-a com os trabalhos de casa

e passou horas a ouvi-la falar das suas paixonetas por rapazes,  
 e, mais tarde, depois de uma fase bissexual (pelo meio ainda houve  
 interesses fugazes por Errol e por Tony, os irmãos de Shirley), por  
 raparigas

Shirley nunca disse uma palavra negativa a respeito da sua sexua-  
 lidade, ajudava-a a encobri-la quando ela se baldava às aulas e, quando  
 entrou para um grupo de teatro amador, escutava avidamente as peri-  
 pécias – os cigarros, os beijos e a marmelada, o álcool, as cenas das pe-  
 ças, por esta exata ordem; no fim do liceu seguiram rumos distintos,  
 Shirley, o ensino, ela, o teatro, mas tal não pôs fim à amizade

quando os amigos pseudoartistas disseram que Shirley era a pes-  
 soa mais chata à face da Terra e lhe perguntaram se tinha *mesmo* de  
 a incluir, ela defendeu a normalidade de Shirley

ela é boa pessoa, argumentou

Shirley tomou conta de Yazz sempre que ela pediu (tal como ela  
 tomou conta das filhas da amiga, aconteceu pelo menos duas vezes)

das vezes em que lhe pediu dinheiro emprestado para pagar dívidas, Shirley emprestou-lho sem dizer palavra e algumas vezes até disse que ficava pelo presente de aniversário

durante muito tempo, sentiu que só pedia, que não dava nada em troca, depois pensou melhor e percebeu que Shirley tinha uma vida segura e previsível à qual ela trazia algum brilho, tornando-a mais interessante

portanto, dava-lhe isso em troca

depois tinha o seu grupo, não é grupo, é bando, corrige sempre Yazz, já ninguém diz grupo de amigos, mãe, é pré-histórico, OK?

hoje tem saudades de quem já foram, quando estavam todas a descobrir-se e não imaginavam o muito que iriam mudar em anos vindouros

as suas amigas vinham a todas as estreias e atendiam sempre que ela ligava (para o telefone fixo, claro, e *resultava!*) a sugerir irem beber um copo

pôde sempre contar com elas para ouvirem os seus dramas e até para causarem alguns

havia a Mabel, uma fotógrafa freelancer que, aos trinta, resolveu ser hétero, e então livrou-se de todas as amigas lésbicas, porque a tal obrigava a sua reinvenção, deve ser a primeira mulher negra a ter-se tornado uma esposa amantíssima num qualquer condado inglês, hoje usa roupa que custa uma fortuna e anda a cavalo

e havia a Olivine, que não arranjava trabalho no Reino Unido por ter uma pele tão escura, até que conseguiu um dos papéis principais numa série policial de topo em Hollywood, hoje faz vida de estrela, tem uma casa com vista para o mar e aparece nas revistas mais conhecidas

a Katrina era uma enfermeira que regressou a Aberdeen por ser lá o seu lugar, explicou, reconverteu-se à anglofilia, casou com a Kirsty, que é médica, e hoje recusa-se a vir a Londres

\*

quem vem hoje à noite é a Lakshmi, uma saxofonista que chegou a fazer as bandas sonoras de algumas peças do Bush Women Theatre, até resolver que uma canção com uma melodia digna desse nome é um sacrilégio, e então passou ao nicho da vanguarda e agora dedica-se a um estilo a que, para com os seus botões, ela chama música *bing-bang-bong*; costuma ser cabeça de cartaz em festivais esquisitoides sempre em campos remotos e a que assistem mais vacas do que pessoas

também dá aulas numa escola de música e agora deu-lhe para se armar em guru dos alunos que forem na conversa, quando de guru não tem nada

e eles vão ao apartamento dela, um apartamento que lhe foi atribuído pela segurança social, e sentam-se em volta da lareira a beber sidra bera em chávenas de chá

e ela de pernas cruzadas no sofá, de túnica larga e longos cabelos com madeixas grisalhas

a vilipendiar as progressões melódicas e a louvar a improvisação microtonal e as estruturas e os efeitos politemporais, polirrítmicos e multifónicos

e declara: meus caros, a composição musical morreu  
hoje só acredito no contemporâneo improvisado

a Lakshmi já vai quase nos sessenta, mas só escolhe amantes, sejam homens ou mulheres, na faixa entre os 25 e os 35, e a relação termina logo que o ou a amante em causa chegue aos 36

de cada vez que lhe critica esse comportamento, Lakshmi inventa uma razão qualquer para não ter de admitir a *verdadeira*: que o ou a amante em causa já não é tão inexperiente, ou crédulo(a), ou tenrinho(a)

e também havia a Georgie, a única que não chegou a viver os anos 90 vinha do País de Gales e estava a tirar o curso de canalizadora, os pais eram testemunhas de jeová e tinham-lhe virado costas por ela ser gay era uma órfã perdida e então elas adotaram-na

era a única mulher na sua equipa de canalizadores e tinha de aguentar as piadas dos colegas, todos homens, sempre a falar em bu-racos, brocas, ajoelhar, bicos, válvulas, boias e tanques cheios

e o que lhes apetecia fazer-lhe à traseira quando ela estava enfiada debaixo de um lavatório a consertar um cano ou de gatas a espreitar a uma sarjeta

a Georgie

bebia dois litros de *Coca-Cola* por dia e à noite passava ao álcool e às drogas

era, do grupo, a que menos sorte tinha com as mulheres e, triste e estupidamente, convenceu-se de que nunca teria ninguém

várias saídas à noite acabavam em choradeira, com ela a lamentar-se de que era demasiado feia para engatar, o que não era verdade, todas elas lhe asseguravam uma vez e outra que não, que era muito atraente, mas enfim, era inegável que nascera para amiga da protagonista, achava Amma, era baixota e feiinha

o que, no mundo das lésbicas, não é necessariamente mau

jamais esquecerá a última vez que esteve com ela, as duas sentadas no passeio à porta do The Bell, com gajas bêbadas a desviar-se e ela a meter-lhe dois dedos pela garganta para a fazer vomitar os comprimidos que tinha engolido na casa de banho

e, pela primeira vez, não escondeu a frustração por Georgie ser um caso perdido, insegura e incapaz de se comportar como uma adulta, sempre a entupir-se de álcool e de drogas, já é altura de cresceres, Georgie, foda-se, cresce!

passada uma semana, ela atirou-se do último andar do prédio de habitação social em Deptford, onde vivia

até hoje, pergunta a si mesma como terá acontecido

se Georgie caiu (nesse caso, foi acidente), se julgou que conseguia voar (aí, estava com a moca), se se atirou (aí, foi suicídio) ou se alguém a empurrou (o que é muito improvável)

ainda hoje se sente culpada, pergunta para si se foi por causa do que lhe disse

o Sylvester vem sempre às estreias, nem que seja porque depois há bebidas à borla

pouco importa que há dias, quando se cruzaram à saída do metro em Brixton, ia ela para casa depois do ensaio, ele a tenha acusado de ser uma vendida

de seguida convenceu-a a irem beber um copo ao Ritzy, que tem o bar no piso de cima, e ali ficaram, rodeados dos pósteres de tantos filmes independentes que tinham visto juntos depois de se terem conhecido na escola de teatro

o *Pink Flamingos*, com Divine, a maior drag-queen de todos os tempos, o *Born in Flames*, o *Daughters of the Dust*, o *Adeus, Minha Concubina*, o *A Place of Rage*, de Pratibha Parmar, ou o *Handsworth Songs*, dos Black Audio Film Collective

filmes que viriam a influenciar o que ela depois fez como encenadora

claro que nunca disse a Sylvester que também gosta de coisas menos sofisticadas, porque ele é um purista com uma visão demasiado politizada das coisas e jamais compreenderia

por exemplo, que ela adore o *Dallas* e o *Dinastia*, tanto as séries originais como as novas versões

ou o *America's Top Model*, ou o *Millionaire Matchmaker*, ou o *Big Brother*

e esses são só alguns

olhou em volta do bar do cinema, lá estavam outros alternativos que se tinham mudado para ali quando Brixton era uma zona de intensa criminalidade, mas com rendas acessíveis

aqueles eram os seus irmãos e irmãs, juntos tinham sobrevivido a dois grandes confrontos com a polícia e orgulhavam-se da sua comunidade multirracial e da sua mestiçagem, e um deles era Sylvester, que chegara ali vindo de muito longe em peregrinação só para



conhecer o primeiro Centro Comunitário Gay, que teve uma existência curta e intermitente, e então conheceu o Curwen, acabado de chegar de Santa Lúcia e que se tornou no seu companheiro para o resto da vida

formavam um casal bastante atraente

na altura, o Sylvester, ou Sylvie, era loiro e bonito, usou vestido durante quase toda a década de 80 e o cabelo chega-lhe quase ao rabo

desafiou os conceitos de género ditados pela sociedade muito antes de isso se tornar moda, daí hoje passar a vida a dizer: o primeiro fui *eu*

já o Curwen tinha a pele escura, mas não muito, e sardas, e tanto usava turbante como um *kilt* ou calções de tirolês, além de maquilhagem completa

se lhe dava para aí

estava a pôr em causa outras ideias feitas que não as que Sylvester desafiava

explicava ele

hoje o Sylvester tem o cabelo grisalho e está a ficar careca, usa barba e anda sempre com uma túnica Mao já muito puída

é genuína, assegura ele, comprou-a no *eBay*

enquanto o Curwen usa um casaco de operário estilo retro e jardineiras de ganga

na mesa do lado estavam dois homens bem mais jovens e resultava incongruente e até embaraçoso vê-los ali de barba impecavelmente feita e muito bem penteados, os fatos sem um vinco e os sapatos engraxados

ela e Sylvester entreolharam-se, detestavam aqueles intrusos que estavam a tomar conta da zona e que adoravam todos aqueles restaurantes e bares pretensiosos que agora ocupavam uma boa parte do mercado onde antes se vendera peixe, inhames, *akees*, pimenta vermelha das Caraíbas, panos africanos, tapeçarias, painéis de ferro, os caracóis gigantes da Nigéria ou os famosos ovos centenários da China

esses novos espaços são só para quem tem dinheiro e até costumam ter seguranças à porta para barrar a entrada a quem por ali mora porque a clientela adora vir visitar a ralé  
 mas tem um ADN indisfarçavelmente finório  
 o Sylvester era dos mais ativos no movimento pela preservação de Brixton  
 não perdera nem um grama do zelo revolucionário  
 o que não era necessariamente bom

bebeu o seu sétimo café do dia, desta vez cortado com um pouco de licor escocês, e Sylvester bebeu uma cerveja – pela garrafa, porque revolucionário que se preze bebe sempre a cerveja diretamente da garrafa, diz ele

ainda tinha a sua companhia de teatro comunista, a The 97%, que se apresentava por todo o circuito alternativo e nas comunidades «afastadas do centro», coisa que ela *devia* estar ainda a fazer

devias estar a apresentar as tuas peças em bibliotecas e centros comunitários, Amma, e não a mostrá-las à odiosa classe média que frequenta o National

e ela replicou que, da última vez que apresentara um espetáculo numa biblioteca, o seu público tinham sido quase só sem-abrigo, menos mal se só tivessem adormecido, o pior foi que muitos ressonavam  
 tinha sido há quinze anos, mais ou menos, e ela jurou que jamais tornaria a passar pelo mesmo

a inclusão social é mais importante do que o sucesso, esse *cancro*, replicou Sylvester, e, por mais que ela tentasse convencê-lo de que era legítimo aspirar a mais, não conseguiu, embora ele fosse bebendo cervejas sucessivas pagas com o dinheiro *dela* (não te deve faltar, agora que estás onde estás)

ela argumentou que tinha todo o direito de encenar uma peça no National Theatre, cabia-lhes a eles atrair outros públicos que não apenas a classe média de visita a Londres vinda dos condados circundantes, que aliás incluía os pais dele, recordou-lhe, um bancário reformado e uma doméstica do Berkshire que vinham a Londres pela

oferta cultural e que nunca lhe tinham faltado com nada nem mesmo depois de ele se assumir, ainda na adolescência

numa vez em que estava bêbado, Sylvester descuidara-se e confienciara que eles ainda lhe davam uma mesada

(ela nunca tivera coragem de lhe atirar isto à cara)

a questão é esta, disse-lhe, isso de causar agitação nas margens do sistema está muito bem, mas há que fazê-lo também no *mainstream*, também é o dinheiro dos nossos impostos a financiar esses teatros, ou não é?

a reação dele foi fazer cara de fora da lei que foge aos impostos, como se isso fosse alguma proeza

dos impostos que eu *agora* pago, pelo menos, ressalvou ela, e tu, se não os pagas, *devias*

ele recostou-se, muito calado, a fitá-la de olhar já turvo, da cerveja, seguro de que lhe era superior, ela já lhe conhecia aquela expressão, em breve viria acima a maldade que o seu querido amigo só manifestava quando bebia

admite, Ams, a ambição fez-te esquecer os princípios e agora és do sistema até à ponta dos cabelos, acusou, és uma vira-casaca

ela levantou-se, agarrou na sacola africana e foi-se embora

na rua, já mais adiante, olhou por cima do ombro e viu-o cá fora, encostado à parede do Ritzzy a enrolar um cigarro

*ainda* enrolava os cigarros

isso, Sylvie, não saias nunca do mesmo sítio.

4

Já era de noite quando chegou a casa, e uma vez mais agradeceu à vida por ter conseguido comprá-la já numa fase tardia, numa altura em que, na prática, era uma sem-abrigo

Porque, primeiro que tudo, Jack Staniforth morreu e Jonathan, o filho dele, nunca engoliu a inconcebível decisão do pai de *não* encher os bolsos à conta do plano de reconversão de King's Cross,

que incluía futuras ligações ferroviárias diretas entre Londres e Paris

enviou aos Cidadãos da República dos Livres uma carta a avisar que tinham três meses para deixar o imóvel

ela ficou arrasada, mas havia que reconhecer que tivera uma sorte espantosa, até ali não pagara um tostão de renda naquela que se tornara uma das cidades mais caras do planeta

chorou ao deixar a sua antiga sala de secretariado tão grande que se podia fazer lá jogging e com vista para os comboios que chegavam vindos do norte de Inglaterra

não podia pagar as rendas atuais e não era elegível para se candidatar a alojamento social

foi dormindo no sofá de uma e de outra, até que soube de um quarto para arrendar

estava de volta ao princípio

e então morreu-lhe a mãe, devorada por dentro por aquela doença carnívora, voraz e implacável que começa num órgão e depois chega aos outros todos

e que ela viu como sintoma e símbolo da opressão em que a sua mãe vivera

a minha mãe nunca chegou a saber quem era, comentou com amigas, aceitou um lugar subserviente no casamento e apodreceu por dentro

no funeral, mal conseguiu olhar para o pai

que, passado pouco tempo, morreu também, de paragem cardíaca, enquanto dormia, e ela estava convencida de que o pai quisera morrer e usara a força de vontade para se matar, porque não sabia viver sem a mulher que sempre fora o seu amparo desde que ele chegara a Inglaterra

surpreendeu-a ir-se tão abaixo com a morte dele

e lamentou nunca lhe ter dito que o amava, afinal ele era o seu pai e era um homem bom, claro que o amava, agora que o perdera sabia

disso, o seu pai sempre fora um machista, mas a mãe dela tivera absoluta razão ao dizer: Amma, o teu pai é produto da sua época e da sua cultura

o meu pai teve de fugir do Gana de um dia para o outro e para ele foi um desgosto enorme, disse ela no funeral, a que assistiram alguns camaradas socialistas dele, homens já idosos

imagino como terá sido traumático ver-se obrigado a trocar o lar, a família, os amigos, a cultura e a língua materna por um país que não o queria cá

ao ter filhos, quis que fôssemos educados como ingleses, ponto final

o meu pai acreditava nos ideais de esquerda e empenhou-se ativamente em fazer do mundo um lugar melhor

disse tudo isto em memória do pai e, claro, deixou de fora que nunca tivera grande opinião dele e que, começando na sua infância e até ele morrer, jamais tentara compreendê-lo e sempre se achara melhor do que ele, quando o único erro do pai fora não estar à altura das expectativas feministas pelas quais ela o avaliava

fora egoísta e estúpida e uma fedelha mimada, e agora era tarde ele, *sim*, dissera-lhe que a amava – todos os anos, ao assinar o postal de aniversário que a mulher comprava e depois mandava pelo correio em nome dele

os irmãos mais velhos, todos em boa situação, foram generosos e deram-lhe uma fatia maior do dinheiro da venda da casa dos pais em Peckham

e então ela pôde dar a entrada para uma modesta casinha com um pequeno jardim nas traseiras, na Railton Road, em Brixton um lugar a que chamar seu.

AUTORA DO ANO E LIVRO DE FICÇÃO DO ANO  
DO BRITISH BOOK AWARDS 2020

FINALISTA DO WOMEN'S PRIZE DE FICÇÃO 2020

FINALISTA DO ORWELL PRIZE DE FICÇÃO POLÍTICA 2020

As doze personagens centrais deste romance a várias vozes levam vidas muito diferentes: desde Amma, uma dramaturga cujo trabalho artístico frequentemente explora a sua identidade lésbica negra, à sua amiga de infância, Shirley, professora, exausta de décadas de trabalho nas escolas subfinanciadas de Londres; a Carole, uma das ex-alunas de Shirley, agora uma bem-sucedida gestora de fundos de investimento, ou a mãe desta, Bummi, uma empregada doméstica que se preocupa com o renegar das raízes africanas por parte da filha. Quase todas elas mulheres, negras e, de uma maneira ou de outra, resultado do legado do império colonial britânico. As suas histórias, a das suas famílias, amigos e amantes, compõem um retrato multifacetado e realista dos nossos dias, de uma sociedade multicultural que se confronta com a herança do seu passado e luta contra as contradições do presente.

**Um romance atual, brilhantemente escrito, que repensa as questões de identidade, género e classe com o pano de fundo do colonialismo, da emigração e da diáspora.**

«*Rapariga, Mulher, Outra* ferveilha de vitalidade...

Evaristo revela as experiências comuns que fazem de todos nós elementos da mesma família humana.»

*FINANCIAL TIMES*

«Se ainda não conhece, devia conhecer a obra desta autora.»

*THE GUARDIAN*

